

Jornal da Unicamp

Campinas, novembro de 1999 - ANO XIII - Nº 147



O fotógrafo-farmacêutico Francisco Brandão, de Piracaia (SP), tirou a foto acima de seus filhos entre 1915 e 1920. A imagem, porém, é muito mais do que um registro familiar: testemunha uma época, uma visão de mundo e uma estética.

Centro de Memória

Recuperar e guardar imagens como estas – e uma infinidade de documentos que remontam a história de Campinas e região – é o papel do Centro de Memória Unicamp (CMU). Olhe mais de perto o trabalho do CMU na

página 8

PRAZER DA LEITURA



Os Almanques, a meio caminho entre a cultura erudita e a popular, ganham congresso e publicação.

Página 9

A POESIA DA MORTE



Ela pode ser vista lírica, trágica ou simplesmente dignamente. A morte ganha novas leituras em seminário do Caism.

Páginas 6 e 7



Computação e Cidadania

A empresa-júnior Conpec faz notável trabalho com comunidade carente

PAULO CESAR DO NASCIMENTO

Serviço voluntário e gratuito prestado por alunos integrantes da Conpec - Consultoria, Projetos e Estudos em Computação, empresa-júnior dos cursos de Ciência da Computação e de Engenharia de Computação da Unicamp, está proporcionando conhecimentos básicos de informática a moradores do Jardim Rossin, na periferia de Campinas. Ministrado em uma sala de aula improvisada, em um apertado mezanino de uma pequena igreja do bairro, o curso formou no primeiro semestre 81 estudantes, entre crianças, adolescentes, desempregados, donas-de-casa e operários. O sucesso da iniciativa e a demanda motivaram não só a formação de uma nova turma para este semestre como a expansão do projeto para atender outras comunidades carentes no município.

Composta unicamente por alunos de graduação, a Conpec desenvolve projetos em informática para clientes de diferentes portes, com custos menores do que os convencionais, e como as quase 20 empresas-juniores da Unicamp, permite ao estudante aliar formação acadêmica e interação com o mercado de trabalho. O curso de informática no Jardim Rossin, promovido em parceria com uma fundação, é o primeiro projeto social da Conpec e está permitindo aos seus integrantes enfrentar desafios e vivenciar experiências muito diferentes daquelas a que estão habituados nos laboratórios da Universidade, relata Simone Silva Vilela, quartanista de Engenharia de Computação e diretora-presidente da empresa.

"É muito gratificante constatar o quanto podemos ser úteis e oferecer conhecimento para pessoas que, de outra forma, dificilmente teriam a mesma oportunidade", comenta a estudante. "Na verdade, estamos apenas cumprindo a obrigação de devolver à sociedade o que ela nos proporciona."

Sem computês - A viabilização do curso - que compreendeu introdução à Informática e uso do processador de textos Word para Windows - exigiu que a Conpec adotasse uma abordagem didática bastante diferente da que utiliza em treinamento para seus clientes. "De repente, estávamos vivenciando uma situação inusitada: falar de informática para quem nunca tinha visto um computador pela frente", conta o quartanista de Engenharia de Computação, Gustavo Araujo, um dos sete voluntários responsáveis pelas aulas. "Tivemos que abolir o computês das apostilas e da sala de aula, e nos esforçamos para substituir expressões técnicas por exemplos mais próximos da realidade dos nossos alunos", lembra Fernando

Xavier, segundalista de Ciência da Computação. Para ele, a experiência resultou em um benefício adicional: conseguiu superar a inibição de falar em público.

O acaso também ajudou a ditar o tom das aulas. Gustavo recorda o dia em que precisou desmontar um dos computadores em sala de aula para verificar um defeito e se viu cercado por olhares que misturavam medo e desconfiança com a exposição das entranhas do equipamento. "Aproveitei a curiosidade para expli-

mentos estavam amontoados e alguns tiveram que ser concertados após avaliação dos estudantes da Unicamp. Eles também orientaram mudanças na precária rede elétrica do local para que os computadores pudessem ser utilizados.

Novos vãos - O mezanino, de aproximadamente 15 metros quadrados, limitou o tamanho das classes e a capacidade de atender aos cerca de 300 inscritos, mas não a vontade de ensinar e de aprender. Para poder cumprir o cronograma de duas aulas semanais de uma hora e meia, para cada uma das nove turmas de doze alunos, os integrantes da Conpec desdobraram-se em aulas à noite e nos finais de semana durante os meses de maio e junho, período em que durou o curso, aproveitando brechas entre as aulas e pesquisas na Universidade. "Chegamos a virar a noite montando apostilas para o dia seguinte", conta Simone. A distância entre o campus em Barão Geraldo e o Jardim Rossin - percorrida em cerca de 40 minutos - e a concorrência das aulas com outras atividades da igreja também foram adversidades superadas com bom humor pelos estudantes e compensadas pela gratidão daqueles a quem puderam ensinar.

Desde agosto, outros 90 alunos participam do segundo curso ministrado pela Conpec no local. Cerca de 30% dos matriculados para aprender a usar a planilha eletrônica Excel são oriundos do curso sobre Word. Dois ex-alunos também transformaram-se em monitores, e atuam supervisionados pelos estudantes da Unicamp. "Queremos formar outros multiplicadores com nossos cursos e poder ampliar a abrangência do serviço", explica a diretora-presidente da Conpec.

Estimulada pelos resultados da primeira experiência, a empresa-júnior já planeja alçar novos vãos com o projeto "Conpec na Comunidade". Na pauta das próximas empreitadas estão um curso para a comunidade de outro bairro periférico de Campinas, o Jardim São Marcos, e outro para funcionários da Unicamp, a ser implantado em parceria com a Agência de Formação e Profissionalização da Universidade, vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários.

Também ministram aulas pelo projeto "Conpec na Comunidade" o quartanista de Engenharia de Computação, Thales Andrade; os segundalistas de Ciência da Computação, João Guilherme e André Duarte, e os calouros Miguel Galves e Mariana Montalvão, de Engenharia de Computação, e Renata Queiroz, de Ciência da Computação.



Alunos da empresa-júnior e jovens do Jardim Rossin: a descoberta do computador

car o que são e como funcionam os componentes internos. A aula não constava do currículo, mas foi importante para desmitificar o computador."

Criatividade, determinação e uma boa capacidade de improvisação também foram muito úteis para quem estava acostumado a operar microcomputadores de última geração e, de uma hora para outra, se viu diante de oito PCs e uma impressora matricial usados. Doados à sociedade de amigos do bairro, os equipa-

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Reitor Hermano Tavares. **Vice-reitor** Fernando Galembeck. **Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário** Luís Carlos Guedes Pinto. **Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários** Roberto Teixeira Mendes. **Pró-reitor de Pesquisa** Ivan Emílio Chambouleyron. **Pró-reitor de Pós-Graduação** José Cláudio Geromel. **Pró-reitor de Graduação** Angelo Luiz Cortelazzo.

Jornal da Unicamp Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP. **Telefones** (0xx19) 788-7865, 788-7183, 788-8404. **Fax** (0xx19) 289-3848. **Homepage** <http://www.unicamp.br/impressa>. **E-mail** impressa@obelix.unicamp.br. **Editor** Marcelo Burgos. **Subeditor** Luiz Sugimoto. **Redatores** Antônio Roberto Fava, Célia Piglionne, Isabel Cristina Gardenal de Arruda Amaral, Nadir Antônio Platano Peinado, Raquel do Carmo Santos e Roberto Costa. **Fotografia** Antoninho Marmo Perri. **Consultoria de Projeto Gráfico** Gabriela Favre. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Dário Mendes Crispim, Hélio Costa Júnior, Oséas de Magalhães e Roberto Costa. **Colaboradores** Paulo César do Nascimento e Maristela Tesseroli Sano. **Serviços Técnicos** Clara Eli de Mello, Dulcinéia Aparecida B. de Souza e Edison Lara de Almeida. **Fotolito e Impressão** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

ARTE
 ARTE

A luz do Lume



Grupo desenvolve técnica de pesquisa e atuação e leva o nome da Unicamp para o exterior

ANTONIO ROBERTO FAVA

Um teatro que une o modo de atuar da Commedia Dell'Arte renascentista – em que o ator fazia tudo, do figurino à atuação, da montagem ao cenário, do texto à dança – a uma reflexão técnica atual, sintonzada com o que há de mais moderno nas artes cênicas. São dois os marcos do grupo de pesquisa Lume (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais) e tem levado o nome da Unicamp para diversos lugares do mundo, como Itália, França, Argentina, Peru, Grécia, Espanha, Escócia, Equador, Egito e Israel.

Ao tirar da pesquisa de ponta e da milenar devoção ao teatro o que cada um destes universos tem de melhor, o pequeno grupo idealizado em 1985 pelo ator Luís Otávio Burnier (1956-1995) realiza montagens cuja linguagem peculiar já foi admirada por quase 100 mil pessoas dentro e fora do país.

As duas dezenas de espetáculos criadas pelo Lume procuram não só produzir arte e disseminá-la, mas estudá-la com profundidade. “Focamos os mais diversos componentes, técnicas, métodos de trabalho, sempre tentando olhar o ator como uma pessoa dentro de uma cultura”, explica o ator Renato Ferracini, no grupo há cinco anos.

Formado atualmente por seis atores – Raquel Scotti Hirson, Ana Cristina Colla, Ricardo Puccetti, Renato Ferracini, Carlos Simioni e Jesser de Souza – o Lume realizou sua primeira montagem, “Macário”, em 1985, com direção de Luís Otávio Burnier, e a mais recente “Café com Queijo”, deste ano, dirigida pelo próprio grupo. Esta peça permitiu muitas plateias em palcos importantes e encantar muitas plateias.

Fôlego dobrado - Estar ligado à Universidade permite a eles um fôlego dobrado em um país onde historicamente é difícil subsistir no meio artístico. “Para nós, viver de teatro é viável por meio do apoio da Universidade”, explica Raquel Scotti. E ter a tranquilidade necessária para criar sua marca e explorar potencialidades geram frutos de que eles se orgulham muito, como a receptividade do público estrangeiro. “Hoje nosso trabalho de pesquisa é referência”, completa.

Só com grupos ou instituições de pesquisas do teatro de outros países o Lume já realizou mais de 20 intercâmbios, que envolvem visitas e estágios, entre eles, grupos do Canadá, Itália, Japão, Polônia, Dinamarca e China. O



O grupo em ação: “Café com Queijo”

A base teórica do Mestre Burnier

“A verdadeira técnica da arte do ator é aquela que consegue esculpir o corpo e as ações físicas no tempo e no espaço, acordando memórias, dinamizando energias potenciais e humanas, tanto para o ator como para o espectador”. A frase é do ator, diretor e dramaturgo, Luís Otávio Burnier, morto em 1995 e responsável pela criação do Lume, há doze anos. Burnier trouxe para a Unicamp o conhecimento acumulado em

sua carreira, que incluiu oito anos na França. Estudando três anos com Etienne Decroux, trabalhou com Eugenio Barba, Philippe Gaulier, Jacques Lecoq, Yves Lebreton, Jerzy Grotowski e com teatro oriental. Burnier retornou ao Brasil com o plano de criar um centro onde pudesse pesquisar a arte do ator em suas mais diferentes concepções, mesclando-a à cultura Brasileira.

contato mais recente foi neste ano, no Brasil, com o Sue Monison, do Canadá. Para se ter uma idéia da aceitação do público estrangeiro para o espetáculo que o Lume produz, basta citar que o “Parada de Rua”, de 98, foi apresentado na Bolívia para um público de mais de três mil pessoas, e visto também no Egito e na Dinamarca.

Outra razão para o sucesso do Lume é que, ao trabalharem muito tempo juntos, os atores acabaram desenvolvendo técnicas corporais e de representação que se ajustam perfeitamente. Uma especial dedicação de cada profissional ao ofício e ao grupo completam a fórmula. “Respiramos teatro o tempo todo. Lemos os mais diferentes textos, trocamos idéias, montamos projetos, planejamos e estudamos novas estratégias para colocar o nosso trabalho no mercado”, diz Ana Cristina.

O texto de “Café com Queijo” é um bom exemplo deste envol-

vimento e do trabalho coletivo. É um espetáculo gerado a partir de histórias, crenças, causos, lendas, material coletado com habitantes de diversas regiões do país, como Tocantins, Amazonas, sertão de Minas Gerais e Pará. “A montagem é constituída de diferentes contextos, tons, músicas, temperos, que tentam capturar as experiências vividas por nós nas nossas andanças por essas regiões”, diz Ricardo Puccetti.

Segundo Renato Ferracini, o trabalho reúne vivências e faces de pessoas que colocam os espectadores diante das mais diversas realidades do país. “Para a elaboração do texto, usamos falas dos próprios habitantes dessas regiões. As falas foram costuradas para tecer um perfil do universo cultural dos habitantes”.

Já “Parada de Rua”, também encenada atualmente, é um espetáculo cênico-musical em forma de cortejo que busca a teatralização de espaços não-convencionais. O espetáculo é uma procissão de fanáticos, em que há uma banda, um grupo de ciganos e atores-músicos que tocam e cantam melodias tradicionais brasileiras e de outras partes do mundo. Estruturada como um alegre ritual, a peça procura interagir com o público, ao mesmo tempo provocando e divertindo.

O sucesso no exterior

Aos poucos, o Lume vai se tornando conhecido também em terras estrangeiras. E a imprensa não economiza espaço para falar do grupo da Unicamp. Ana Cristina diz que na Bolívia, durante o VI Festival Internacional da Cultura de Sucre, em setembro, o grupo chegou a ser motivo de reportagens de páginas inteiras dos principais jornais da cidade, entre eles o *El Deber* e o *Correo del Sur*.

O crítico argentino e ator Cesar Brie, considerado um

dos mais respeitados diretores de teatro daquele país, classificou como “simplesmente extraordinário” o espetáculo “Parada de Rua”. Em particular, elogiou a capacidade de improvisação dos atores que compõem o Lume. Não foi pouco também o interesse da Imprensa da Finlândia, Egito, Grécia e Israel, que apresentou o Lume, como um importante grupo de teatro brasileiro, pelo trabalho sério de pesquisa e pela esmerada performance.



Atrizes do Lume: técnicas corporais

PESQUISA
 PESQUISA

Um novo horizonte

Unicamp tem projetos escolhidos em programa de políticas públicas

RAQUEL DO CARMO SANTOS

Se depender destes projetos da Unicamp, muita coisa deve mudar no horizonte das políticas públicas no Estado. A Universidade terá sete projetos financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), dentro do Programa de Pesquisas em Políticas Públicas. As pesquisas, escolhidas entre as 226 propostas enviadas, nos deixam em segunda posição entre as instituições participantes e abordam temas de importância crucial nas áreas de economia, ambiente, saúde, administração e agropecuária. Serão realizadas em parceria com prefeituras,

fundações, órgãos do governo e organizações não-governamentais.

“Só foram aprovadas as atividades de pesquisa consideradas excelentes”, explica o diretor científico da Fapesp, José Fernando Perez. Segundo ele, a quantidade de projetos da Universidade só reforça o tradicional potencial que a instituição já mantém nesta área. “São pesquisas de peso que demonstram a vitalidade e a qualidade dos programas”, atesta. Numa primeira etapa, a Fapesp irá liberar, para todos os projetos aprovados, um montante aproximado de R\$ 1 milhão, a serem utilizados nos primeiros seis meses. Na seqüência, só receberão auxílio as pesquisas que demonstrarem potencialidade para o seu desenvolvimento.

1 Emprego e renda em São Paulo

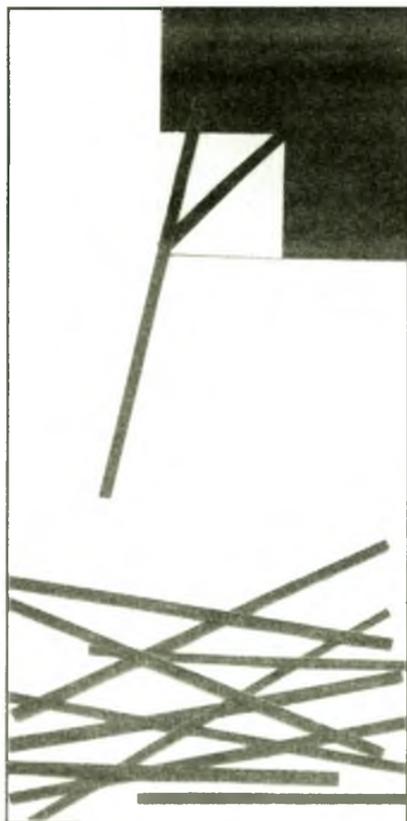
Essa investigação, que será coordenada por Márcio Pochmann, do Centro de Estudos de Economia Sindical e do Trabalho (Cesit), do Instituto de Economia, propõe realizar um diagnóstico abrangente da problemática do emprego no Estado de São Paulo. O projeto “Gestão das Políticas Públicas de Emprego e Renda no Estado de São Paulo”, inédito nesta área, irá qualificar as ações e programas desenvolvidos pelo poder público em relação a emprego, renda e formação profissional. Os resultados favorecerão uma análise a respeito do assunto e pretende oferecer importantes elementos para tornar mais eficazes as políticas públicas. Segundo o pesquisador, a partir deles será possível corrigir e melhorar ações implementadas neste setor pela Secretaria do Estado do Emprego e Relações do Trabalho (Sert).

5 Inovação Tecnológica na Agricultura

A contribuição do estudo “Políticas Públicas para a Inovação Tecnológica na Agricultura do Estado de São Paulo: Métodos para avaliação de impactos da pesquisa”, coordenado por Sérgio Luiz Monteiro Salles-Filho, do Instituto de Geociências, contempla especialmente secretarias de Estado, agências de fomento e instituições de pesquisa. Isto porque o projeto irá desenvolver um conjunto de ferramentas metodológicas apropriadas para a avaliação de impactos econômicos, sociais, ambientais e da formação de competências decorrentes da disseminação dos resultados da pesquisa agrícola do Estado de São Paulo. “Entendemos que a grande maioria das metodologias disponíveis de avaliação de impacto da pesquisa apresenta sérias limitações e que o uso desses métodos ainda é pouco difundido no contexto nacional”, explica o pesquisador. Com os resultados obtidos na aplicação da metodologia proposta, o trabalho também poderá ser utilizado pelo setor produtivo para a elaboração de seu planejamento e de sua gestão como subsídio para a tomada de decisão sobre novos investimentos, formas de organização e gestão de ativos.

2 Distribuição de Alimentos

Nos últimos anos evidenciou-se uma crescente inadequação em toda a estrutura para a comercialização de alimentos *in natura* montada e regulada pelo Estado desde a década de 60. Paulatinamente, novos agentes privados ganharam espaço no atacado e varejo, deslocando para um plano inferior as Ceasas e todo o sistema tradicional baseado em feiras-livres, quitandas e sacolões em relação a volume e qualidade dos alimentos comercializados. O projeto “A distribuição *in natura* no município de Rio Claro/SP: uma análise das mudanças no ambiente institucional”, coordenada pelo professor Walter Belik, do Núcleo de Economia Agrícola do Instituto de Economia, deve responder a perguntas relevantes neste processo. “A proposta é entender como funcionam esses circuitos hoje. Por que de um lado há produtores desarticulados e, por outro, consumidores pagando caro pelo produto?” Inicialmente, o estudo irá basear-se no sistema de compra e venda em pequenas e grandes redes de abastecimento em um município de porte médio como Rio Claro. Depois, o estudo deverá fazer sugestões de políticas públicas para cidades de pequeno e médio porte.



3 Bacia Hidrográfica do Alto Tietê

A preocupação com a recuperação das condições sociais e de infra-estrutura sócio-econômica em saneamento das populações que habitam em áreas de mananciais em todo o Estado será o objeto de estudo da equipe do Núcleo de Economia Agrícola do Instituto de Economia. A partir de um amplo estudo das ações municipais, o projeto, com coordenação dos pesquisadores Bastiaan Reydon e Ricardo Toledo Neder, pretende realizar um diagnóstico-coacompanhamento das ações municipais do Plano de Desenvolvimento e Proteção Ambiental, reconhecido como válido pelas prefeituras dessas regiões. No total foram apresentados ao Comitê da Bacia do Alto Tietê, entre 1996 e 1998, cerca de 70 projetos. Intitulado “Sistema de diagnóstico e avaliação de projetos executados por municípios, órgãos estaduais e associações da sociedade civil no comitê da bacia hidrográfica do alto tietê”, o estudo, a ser realizado pela equipe, deve focar a regularização fundiária e imobiliária dessas áreas. Só na região do Guarapiranga são cerca de 680 mil pessoas que tentam a sobrevivência junto aos mananciais.

6 Competências do Sistema Público

Com as recentes mudanças no sistema educacional, que afetam a descentralização administrativa nos âmbitos estadual e municipal, torna-se vital a formulação e apoio na implementação de estrutura de planejamento e modelo de gestão pública. Construir um quadro sobre as necessidades presentes para o planejamento é o que propõe o projeto “Sistematização de experiências, diagnóstico local e formulação de modelo de gestão para viabilização das novas competências do Sistema Público de Ensino Municipal no Estado de São Paulo”. O trabalho envolve a análise das condições e dos problemas do município de Vinhedo, bem como do fluxo de decisões na Secretaria de Educação e Cultura da cidade. A pesquisa abordará as mudanças face às exigências legais. Após o mapeamento da situação, o passo seguinte será a construção de critérios de qualidade para o sistema público.

4 Transmissão da dengue

A partir de cálculos matemáticos, o “Estudo dos fatores biológicos, sociais e ambientais para a transmissão da dengue para delinear mecanismos de controle e prevenção – epidemiologia quantitativa” irá propor políticas para quebrar a cadeia do vírus transmitido pelo vetor *Aedes aegypti*, que se tornou um problema de saúde pública em nível nacional. Com larga experiência no desenvolvimento da matemática aplicada à biomedicina, o professor Hyan Mo Yang, do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica (Imecc) coordenador do projeto, considera o impacto de diferentes metodologias de controle e de prevenção. Com os resultados, a equipe, composta pelos professores Paulo Ruffino, Rodney Carlos Bassanezi e Wilson Castro Ferreira Júnior, pretende implementar mecanismos de controle para eliminar as bases de criação do mosquito. “Tencionamos centrar a pesquisa na realização de estudos abrangentes, ou seja, será analisado o comportamento da epidemia em alta prevalência, ao mesmo tempo em que se focalizará a baixa endemicidade pela transmissão nas vizinhanças”.

7 Políticas Públicas e Cidadania

A equipe coordenada pelos pesquisadores Leila da Costa Ferreira, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais da Unicamp, e Pedro Jacobi, da Universidade de São Paulo, centrará suas atividades nas ações das prefeituras de Ribeirão Pires, São Bernardo do Campo, Embu e São Sebastião, que vêm desenvolvendo políticas inovadoras de sustentabilidade sócio-ambiental. “Abordaremos as relações entre as ações governamentais que estimulem mudanças no comportamento face ao agravamento da problemática ambiental e às práticas participativas da população”, explica Leila. As mudanças de comportamento da população dentro de uma perspectiva de sustentabilidade sócio-ambiental são alguns dos principais aspectos do trabalho “Políticas públicas e fortalecimento da cidadania – quatro experiências de busca de sustentabilidade socioambiental no nível da administração local”.

DEBATE
DEBATE

O desmonte da Universidade

Mesa-redonda discute autonomia e crise no financiamento

O ensino superior gratuito e o financiamento das universidades públicas estão seriamente ameaçados no Brasil por uma política de desmonte da autonomia universitária. A previsão é que as universidades públicas, com receitas estagnadas e despesas crescentes, acabarão sucumbindo à necessidade de cobrar mensalidades para sobreviver, entre outras medidas capazes de gerar recursos próprios. E pior: não há, por parte da comunidade acadêmica, nem resistência à ameaça - que acabará por alterar o conceito capaz de fortalecer as instituições e defender seus argumentos perante a sociedade.

"Não estamos conseguindo ser competentes para unir forças de administradores, professores, servidores, estudantes e intelectuais na defesa comum da autonomia", declarou o professor Newton Lima Neto, ex-reitor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em uma síntese do pensamento que dominou a mesa-redonda "A Autonomia da Universidade: Ensino Público e Financiamento", a terceira do seminário "A Universidade nas Alternativas?", promovida em 26 de outubro pela Unicamp. Participaram ainda do evento o reitor da Unicamp,

Hermano Tavares; o físico Nelson Cardoso do Amaral, vice-reitor da Universidade Federal de Goiás (UFG) no período 1994/1997, e o filósofo Roberto Romano, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Reportando-se à influência da universidade no fortalecimento do Renascimento, Romano observou que a instituição só tem função se for do Estado e que a autonomia está vulnerável porque a universidade brasileira deixou de ser instrumento de consolidação estratégica da soberania nacional.

"É preciso elevar a dimensão de consideração da universidade. Perdemos a noção da nossa dignidade e a noção da importância da nossa pesquisa, de nossos emolumentos e do dinheiro para a pesquisa. Sem esses elementos não temos condições de cumprir nossa função de Estado. E já é momento de repensar essa situação", ponderou. "Se o Estado nos retira isso, é preciso que fique bem claro que é uma posição dele, para que ele assuma sozinho a responsabilidade histórica de traçar o futuro do povo", completou Romano.

Aposentadorias - Porém o inimigo da estabilidade financeira das universidades não é só a falta de recursos. Preocupante também é a escalada de despesas por conta do pagamento dos servidores inativos, precatórios e com a prestação de serviços públicos de saúde. "Em dez anos de autonomia conquistada pelas três universidades paulistas conseguimos ser um sucesso acadêmico", mas estamos com seriíssimos problemas financeiros", avaliou Hermano Tavares. O custo das aposentadorias é emblemático dessa situação. "Em 1989 - e o caso da Unicamp é igual ao das outras - tínhamos cerca de 2% da nossa folha de pagamento comprometida com inativos; hoje temos 17%", ilustrou. O reitor da Unicamp lembrou ainda que a raiz dos problemas está no atrelamento do financiamento das instituições à arrecadação do ICMS. "Desde a conquista da autonomia, a população do Estado de São Paulo cresceu 20%, a renda per capita não caiu e é de se supor que o PIB tenha aumentado no mesmo percentual. Entretanto, o ICMS no Estado não se alterou, por conta de um problema fiscal brutal que é mal solucionado pelo governo e que nos atinge de maneira dura."

Do mesmo mal padecem as instituições públicas federais, que chamou de "crise da diminuição". Ele demonstrou, por meio de diferentes comparações estatísticas, que os recursos destinados às universidades federais encolheram significativamente nos últimos cinco anos. No conjunto das despesas totais da União, por exemplo, o percentual de investimentos nas universidades despencou de 2,94% em 1995 para 1,73% em 1999. E fazendo eco às críticas de Hermano Tavares, Amaral condenou o violento crescimento da presença de inativos e pensionistas nos custos das escolas, entre outras distorções apontadas por ele na estratégia governamental de manutenção das federais. "A discussão da autonomia deve contemplar esse aspecto em especial", reivindicou.

Asfixia - O aperto do torniquete financeiro, contudo, deverá ser ainda mais forte, vaticinou Newton Neto. Ele argumentou que, para cortar despesas com educação e triplicar os atuais 10% de jovens entre 18 e 24 anos no ensino "pós-médio" - objetivos do Plano Nacional de Educação elaborado pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC) -, o governo federal pretende agir em duas frentes: multiplicar as instituições



Nelson Cardoso do Amaral: "crise da diminuição"

privadas e, em nome de uma suposta maior eficiência das universidades públicas, ampliar o número de seus alunos. Mas como fazer isso sem investimentos?

De acordo com o ex-presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), prevê-se fenômeno semelhante ao que ocorreu na Argentina e no Chile. "As instituições serão asfixiadas de tal modo pela falta de recursos que se pedirá pelo amor de Deus para que se mude a Constituição e se introduza o ensino pago", estima Newton.

Segundo ele, a lógica embutida no plano do governo é acabar com os princípios constitucionais para que a filosofia da escola privada, "que não é outra senão a de formar recursos humanos de terceiro grau seja lá da forma que for, pagando os professores para estar fundamentalmente dentro da sala de aula." Enveredasse, dessa forma, pelo pernicioso caminho da mercantilização do saber, adverte Newton: quanto mais diplomas uma universidade entregar, mais dinheiro terá.

"Um reitor, que receba recursos conforme a cota de alunos formados em sua universidade, não vai querer contratar um professor adjunto por R\$ 2 mil para fazer pesquisa, extensão e dar oito horas de aula. Ele vai preferir contratar quatro de R\$ 500, colocar mais 70 estudantes em cada sala de aula, e ampliar o número de docentes em sua universidade", ilustrou.

O ex-reitor da UFSCar acredita que permanecerão à margem desse processo apenas aquelas universidades, já se credenciaram como centros de excelência; as demais, que virem universidades de segunda categoria. "A qualidade, infelizmente, não se coloca na mesa dessa discussão." (P.C.N.)



Hermano Tavares: sucesso acadêmico e alto custo financeiro



Newton Lima Neto: asfixia pela falta de recursos



Roberto Romano: autonomia vulnerável e impossibilidade de cumprir função

Porque morte é assustadora

O homem é o único animal que sabe que vai morrer. Este "conhecimento de um destino" é o primeiro de cinco elementos que tomam a morte tão assustadora, enumerados por Régis de Moraes, filósofo e sociólogo da PUC-Campinas, para um público atento no auditório da FCM. "O ser humano tem consciência de que sua trajetória vai do berço ao túmulo. Não é fácil para ele. Talvez por isso não existam psicoterapeutas de cães e gatos", ironizou.

A solidão extrema do homem no momento da morte, mesmo estando cercado de familiares e amigos, é o segundo fator que apavora. "Ninguém pode sofrer por mim a minha dor, nem morrer por mim a minha morte. É a solidão absoluta do morrer que me deixa insone", declamou Moraes, reproduzindo versos célebres do filósofo alemão Martin Heidegger. "Na hora da partida o homem estará inapelavelmente sozinho", acrescentou.

As amputações afetivas - o exílio em relação às pessoas que ama - significam o "desmonte da teia existencial" e formam o terceiro elemento assustador para quem está prestes a morrer. Recorrendo sempre a pensadores, Régis de Moraes ilustrou esse tópico com a história de um frei dominicano que entrou em coma por diversas vezes. "Frei Hugo Baggio dizia viver intensamente o coma. Na ocorrência mais grave, ouviu alguém convidá-lo a ficar do outro lado, ao que respondeu: 'Até gostaria, pois estou sentindo uma paz enorme, mas não posso aceitar o convite porque minha mãe ainda não está preparada para ficar sem mim'".

O quarto elemento que apavora é o caminho de sofrimento no processo de morrer. Agora citando George Orwell e a câmara de tortura em "1984", Régis afirma: "Sendo torturado na câmara ou com uma dor de dente no quarto, o doente terminal vê essa dor ganhar o tamanho do universo". Para o sociólogo, uma ciência preocupada com os cuidados paliativos pode evitar que este processo seja tão acentuadamente sofrido.

A proximidade da hora final também traz uma enorme sensação de náusea diante do desconhecido, do nada: é o quinto elemento. *O Muro*, obra de Jean-Paul Sartre que desencadeou uma onda de suicídios, traz contos finamente elaborados sobre morte

e loucura. O escritor francês sentencia que no muro "a vida bate, escorre e apaga". Régis de Moraes, contudo, critica a morbidade alimentada por várias religiões e que perpassa a nossa cultura, o positivismo excessivo dos cientistas e as filosofias imediatistas, revelando então suas convicções espíritas: "Hoje, inúmeras indicações nas ciências médicas e nas observações hospitalares levam a certas questões: será que apagamos, será que nossa visão não é muito estreita e não vemos apenas em três dimensões, será que não prosseguimos?"

Parábola - Jung observa em *A Realidade da Alma* que o processo da vida descreve uma parábola: sai de um ponto zero, atinge o ápice e vai caindo novamente para o ponto zero; basta imaginar um morro. Esta parábola tem dois traços, um biológico e outro psíquico. Em cima do morro, quando se inverte a parábola e começa a degeneração orgânica, surgem sérias resistências psíquicas a aceitar a descensão.

"Nossa sociedade nunca se preparou para a morte, não compreendeu seu significado e nem acha de bom tom colocar o assunto na roda", ressalta Régis de Moraes. "Na metade da vida, nasce a morte. Só seguirá bem com a vida aquele que aceitar morrer com ela", ensina.

O sociólogo da PUC explica que a criança tem a primeira consciência da mortalidade entre os dois e três anos e meio. Contudo, o que a deixa ansiosa não é a possibilidade de sua morte, mas a da mãe, pai, avós, da teia que a mantém na existência. "É comum a criança passar por um período depressivo", adverte Régis.

A segunda chamada perante a mortalidade vem na puberdade, de forma mais trágica, por se tratar da própria morte. O adolescente fica cheio de medos diante da necessidade de refletir sobre ela, afirma Régis. Nesta fase as necessidades sãs são ganhos existenciais, enquanto as necessidades frustradas viram perdas existenciais que geram bloqueios, revoltas e transformam os jovens adultos em seres carentes. "Este quadro de luz e sombra vai se compondo e, quanto mais imatura a pessoa, mais difícil será crescer com as perdas".

A chama de uma vela

Complado a falar poeticamente sobre a morte, o escritor Rubem Alves permitiu-se um único comentário que lembrou a relação entre profissionais de saúde e pacientes terminais, pauta das discussões do dia. "A medicina tem se especializado em humilhar as pessoas", disse, recorrendo à imagem do doente entubado e preso ao leito no hospital para sustentar sua acusação. "O homem deve merecer cuidados enquanto houver uma esperança de alegria; se não, deve ter permissão para partir".

O restante da palestra foi de pura poesia.

Por mais de uma hora Rubem declamaria sobre vida e morte, ilustrando sua oratória com símbolos como "A chama de uma vela", que deu título a uma obra de Gaston Bachelard. "A vela, para dar a luz, tem que estar morrendo o tempo todo. A cera que escorre formando aquelas estalactites são as lágrimas da vela, que iluminam tanto a vida da gente. Quando penso na morte, não penso em cama de hospital, mas nessa passagem do tempo, que é essencial à experiência de estar vivendo".

A teia, milagrosamente criada pela aranha sobre um abismo, é outro símbolo utilizado pelo escritor. "É a teia da esperança que sustenta a vida, em cima do abismo

que representa a morte. Estamos nos equilibrando constantemente sobre o abismo, sentindo aquele calafrio, que ao lado da esperança nos motiva a viver", sentenciou.

Rubem lembrou-se então do alpinista, que desafia a morte escalando o Aconcagua, como exemplo desta necessidade de calafrio. "Nós o vemos ali dependurado e perguntamos por que ele não ficou em casa, confortável em sua poltrona, ou por que não alugou um helicóptero para chegar ao topo do monte. Ora, porque não é alcançar o topo o que lhe interessa: é a escalada. Como escreveu Guimarães Rosa, a coisa não está nem na partida, nem na chegada. Está na travessia".

Em todo o seu discurso sobre a morte, o escritor induziu o embevecido público sempre à mesma conclusão: de como é bela a vida. E, dizendo-se cristão-taoísta, responsabilizou os "cristãos clássicos" pelo fato de os ocidentais verem na morte um tema proibido para reflexões. "Eles infectaram a morte com um vírus terrível, o vírus da culpa. Jam para a morte dominados pelo medo do grande juiz, pois achavam que era o dia do ajuste de contas. Era proibido experimentar o calafrio, a beleza de morrer".

Sereno

Profissionais que cuidam de pacientes terminais recorrem a psiquiatras, filósofos e escritores para uma reflexão sobre a vida e a morte, a fim de assegurar uma despedida digna ao doente e ajudar a família a enfrentar a perda

LUIZ SUGIMOTO

A morte é bela. Ninguém reagiria indignado a esta afirmação naquele seminário, embora os presentes certamente já tenham experimentado a dor da perda e boa parte esteja envolvida com o dia-a-dia trágico de pacientes terminais. Aqueles médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, fisioterapeutas e estudantes estavam realmente interessados em discutir as emoções acerca da morte e viram um tema aparentemente mórbido tornar-se lúdico na oratória de palestrantes psiquiatras, filósofos, antropólogos, escritores. O 1º Seminário de Reflexões sobre a Vida e a Morte, promovido pelo Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism) no dia 16 de setembro, atendeu a pedido de profissionais que freqüentam o curso de capacitação em cuidados paliativos criado por uma equipe multidisciplinar da Área de Oncologia.

Estas pessoas buscam mais que aprimoramento técnico para a prestação de um tipo especial de assistência: querem lidar adequadamente com os sentimentos do paciente que

As mulheres e o afogado

"Era uma vila de pescadores perdida no fim do mundo e naquela vila todos os dias as pessoas faziam sempre as mesmas coisas, de modo que não havia nenhuma novidade e todas as pessoas sabiam de antemão o que as outras iam dizer e por causa da enorme monotonia ninguém conseguia mais se amar.

Até que um dia aconteceu uma coisa estranha, um menino viu uma sombra diferente flutuando no mar e gritou para a vila toda e naquela vila onde nada acontecia até uma sombra estranha flutu-

ando no mar era motivo de liberdade, de modo que para a praia e ficaram esperando que o mar passasse a coisa até a areia e a coisa que o mar colou um homem morto, afogado.

E na vila era costume que as mulheres preparassem para sepultamento e pegaram o homem que tinham levado para uma casa, as mulheres do lado de fora, e as mulheres começaram a fazer o seu trabalho de limpeza tirando as algas verdes do mar, em grande silêncio, porque aquelas mulheres não tinham coragem de falar sobre



ENTO

Suspiro



não tem mais chances de cura - e dos familiares dele, igualmente vítimas do estresse e do sofrimento. "Como trabalhar bem o tempo de vida que resta ao doente é apenas uma das questões colocadas diante do profissional de saúde, que não tem como deixar de se envolver emocionalmente", afirmou a enfermeira Simone Pollini Gonçalves, uma das organizadoras do encontro.

A proposta de apresentar visões diversas sobre assunto tão denso, sem pieguices, concretizou-se diante da comoção percebida na platéia em vários momentos. O paciente terminal foi centro dos debates menos por sua dor física e mais por sua solidão extrema e seus pavoros. Criticou-se a postura onipotente e omissa de parte dos médicos nessas situações e o morrer "asséptico" imposto nos hospitais. Falou-se de espiritualidade, experiências no coma e, no final, abriu-se espaço para uma abordagem poética da morte.

Para quem assistiu ao seminário em que se discutiu a morte, a vida (a dele e a dos pacientes) ganhou muito mais sentido.

Até que de repente, no meio daquele grande silêncio sério, uma mulher disse 'é, se ele morasse aqui na aldeia, teria sempre que curvar a cabeça para entrar em nossas casas, porque ele é alto demais'. E todas as mulheres, sérias, fizeram sim com a cabeça e foi novamente grande o silêncio.

Até que uma outra mulher disse 'eu fico imaginando como terá sido a voz desse homem, será que a voz desse homem ecoava forte ou como a brisa, será que esse homem sabia cantar canções ou será que esse homem era daqueles que dizem uma palavra e por causa dessa palavra uma mulher apanha uma flor e a coloca no cabelo?'. Todas as mulheres sorriram e fizeram sim com a cabeça.

Antigamente o homem convocava familiares e amigos ao redor do leito, passava a cada um suas últimas orientações, confessava as derradeiras vontades e morria. Mesmo as crianças mais pequenas circulavam livremente pela casa, inseridas num ritual que então fazia parte da nossa cultura e cobria a morte de dignidade.

"Esse ritual dentro dos lares não acontece mais. Hoje a morte se dá nos hospitais, sem contato dos parentes com o corpo, de maneira bastante asséptica", observou o médico psiquiatra Vicente Augusto de Carvalho, do Instituto Sedes Sapientiae, na segunda palestra do dia. "Aquele corpo é testemunho do 'fracasso' da medicina, um incômodo e por isso o levam para o necrotério de uma forma que ninguém perceba. Não há espaço para morrer nos hospitais".

O psiquiatra afirma que esta assepsia reflete o sentimento de onipotência do médico, que só aceita a idéia de curar, sempre. "As visitas do médico diminuem vertiginosamente quando o paciente está fora de possibilidades terapêuticas. A postura do 'não há mais nada a fazer' é um equívoco e precisa ser revista. Há, sim, muito o que fazer pelo paciente terminal e também por sua família. Viúvos e viúvas adoecem duas vezes mais que as outras pessoas, em qualquer faixa etária", atesta.

Vicente de Carvalho espera que a expressão 'curar' substituída por 'cuidar'. Segundo ele, o desejo de salvar vidas tem levado ao avanço da medicina e à longevidade do homem, mas a melhor aceitação da morte pelos profissionais traria maior eficácia nos cuidados de doentes sem chances de cura. "É importante que a gama de conhecimentos adquirida sirva ao indivíduo em toda a sua trajetória: saúde, adoecimento, cura e morte. Nesse sentido começa a surgir uma nova especialidade: a medicina preventiva em cuidados paliativos, voltada para todos os movimentos da vida, com técnicas claras e adequadas para assegurar qualidade de vida mesmo a quem está próximo do final".

Gente complicada - Ao se obrigar a curar sempre, o médico comumente é desestabilizado pela angústia, frustração e depressão. "Somos pessoas complicadas. Se fomos procurar o porquê de optarmos por fazer medicina ou psicologia, certamente encontraremos fortes razões emocionais", admitiu o médico psiquiatra, antes de apresentar duas pesquisas. A primeira, realizada junto a estu-

dantes de medicina dos Estados Unidos, mostrou que 11% deles apresentavam problemas de somatização no 3º ano do curso, índice que subia a 74% no quinto ano. "É um crescimento muito grande e os cursos também precisam ser repensados", alerta Carvalho.

O segundo levantamento, que retoma a relação médico-paciente terminal, é de autoria da pesquisadora Teresinha Klafke e, embora tenha sido feita há alguns anos, não deixa de oferecer parâmetros importantes, na avaliação de Vicente de Carvalho. A pesquisa mostrou que apenas 50% dos médicos conversam com o paciente sobre a doença.

A outra metade, que não conversa, apresentou justificativas que vão desde o medo das reações emocionais dos doentes - como a depressão, que poderia comprometer o tratamento e acelerar a evolução da doença - até o fato de serem latinos, portanto muito emotivos. Ainda nessa sentença, 20% alegam dificuldades pessoais (angústia, sentimento de impotência); 13,3% afirmam que até conversariam, mas ainda não passaram pela experiência; e 16,7% simplesmente desconversam quando o paciente fala da doença. "Se o doente toca no assunto é porque sente necessidade de falar; no mínimo, ficaria aliviado", critica Carvalho.

Omissão do diagnóstico - A pesquisa questiona, também, se os médicos informam o diagnóstico ao paciente quando a doença é fatal. Quarenta por cento responderam que têm como norma informar ao doente; 23,3% adotam como regra não informar, temendo que o outro abandone o tratamento; e 36,7% disseram que informam "às vezes", sendo que a família freqüentemente pressiona para que se esconda a doença, justificando que o paciente não suportaria.

Esta interferência dos familiares mereceu um comentário à parte do psiquiatra: "Se o médico aceitar isso, vai formar um conluio com os parentes, onde se infantiliza o doente, tirando seu poder de decisão, como se fosse um incapaz. As vezes ele é incapaz, mas quase sempre não é. Embora aparentemente confortável, a omissão é cruel e injusta. Além disso, por mais elaborada que seja a mentira, ela vai se revelar a cada instante, em contatos breves, na gestualidade, num olhar fúgaz. E como se sentirá o doente quando perceber que as pessoas nas quais mais confia estão mentindo?"

Vivendo a vida possível

O paciente terminal não é um cadáver e sim alguém que está vivendo intensamente a sua vida possível". Esta premissa norteia a carreira da oncologista clínica Nancy Mineko Koseki, que em 1994 começou a atentar para as dificuldades dos profissionais da saúde em lidar com o sofrimento desses doentes e de seus familiares.

"Se não podemos mais oferecer a cura, podemos adotar atitudes humanas que garantam a dignidade do paciente e uma vida com a melhor qualidade que as circunstâncias permitam, independentemente do tempo que lhe resta. As vezes esses cuidados até prolongam a vida, embora não seja este o propósito inicial", afirma Nancy.

Em 98 uma equipe multidisciplinar da Área de Oncologia do Caism começou a oferecer cursos em cuidados paliativos para profissionais de outras cidades, com dois objetivos básicos: multiplicar a prestação do serviço e fazer com que os pacientes sejam assistidos em suas próprias cidades, evitando o desgaste das viagens. "Apenas 10% ou 15% dos doentes são de Campinas. Os demais tinham que se deslocar por 100, 200 e até 600 quilômetros", informa a oncologista.

Atualmente toda esta experiência vem sendo transmitida também por meio do Programa Nacional de Educação Continuada em Dor e Cuidados Paliativos. O Se-

minário de Reflexões sobre a Vida e a Morte foi uma idéia dos próprios profissionais que passam pelos cursos do Caism, com o propósito, cumprido, de enriquecer esta vivência.



Evento na FCM: 400 inscrições tiveram de ser canceladas

lheres que não tinham amado.

E as mulheres começaram a sentir que lá no fundo aves misteriosas começavam a bater suas asas e começaram a sentir sentimentos e memórias perdidas surgiam de dentro delas e elas ficaram afogeadas de amor.

E finalmente enterraram o morto, mas a aldeia nunca mais foi a mesma."

Rubem Alves interpretando conto de Gabriel García Marquez, durante o Seminário de Reflexões sobre a Vida e a Morte

E foi grande novamente o silêncio até que uma outra mulher olhou para as mãos do homem e disse 'eu fico pensando nessas mãos, para as mãos de homem, será que essas mãos travavam batalhas, será que brincaram com crianças, será que remaram através dos mares, será que acariciaram mulheres, será que essas mãos sabiam amar e abraçar?'

E nesse momento todas as mulheres riram e aqueles homens do lado fora perceberam que aquele corpo podia fazer com as suas mulheres o que eles vivos não conseguiam fazer e eles tiveram ciúmes do morto e começaram a pensar nas batalhas que não tinham travado, nas coisas que não tinham dito, nas mu-

HISTÓRIA
HISTÓRIA

Nossa memória, ao seu dispor

Centro de Memória guarda o passado de Campinas e região e tem uma estrutura admirável, aberta ao público

MARCELO BURGOS

Ao percorrer as salas e corredores do Centro de Memória Unicamp (CMU), algo inicialmente abstrato e por demais amplo – a história de Campinas e região – passa a formar um desenho cada vez mais visível. É preciso, claro, um pouco de concentração para detectar as pistas e montar mentalmente um retrato, ainda que preliminar, do tema vastíssimo. Mas as provas estão lá, cuidadas no dia-a-dia por uma equipe que guarda os testemunhos do tempo como se fossem o próprio. “Nosso Centro é único, por várias razões. Primeira, por não sermos apenas guarda de documentos históricos. Outra, nós estimulamos e apoiamos a produção de conhecimento e, além disso, formamos pessoal especializado para trabalhar com memória histórica”, resume Olga Rodrigues Von Simson, coordenadora do Centro.

A frase de Olga sintetiza, mas apenas introduz, o enorme empenho do corpo de 23 funcionários, que desde 1987 mantém o centro, tomando possível o trabalho de um número médio de 190 pesquisadores. Estes encontram no CMU sua mina de ouro: afinal de contas, há uma chance muito grande de se achar em seu acervo um documento sobre a vida da cidade e região a partir da explosão cafeeira. “Temos, por exemplo, cerca de 16 mil fotografias produzidas entre 1876 até 1998, 70% das quais já catalogadas”, informa Denise Gonçalves, responsável pelos arquivos especiais, acrescentando que este acervo deve ser inteiramente digitalizado a partir do ano que vem.

Estas imagens são apenas uma parte da riqueza que compõe o acervo. A biblioteca dispõe de livros e periódicos raros, hemeroteca com mais de 100 mil recortes de jornais sobre Campinas e região, mapoteca e discoteca, além de seções especiais para partituras e folhetos. A maior parte das peças está disponível a quem quiser consultar e aos poucos está sendo oferecida on-line. “Nosso papel é facilitar o acesso às pessoas comuns e pesquisadores a algo que já pertence a elas, que é a memória histórica”, diz Olga.

Entre os destaques do acervo do CMU estão as coleções Antônio Ferreira Cesarino Júnior, Antonio Francisco de

Mulheres em passeata pró-movimento constitucionalista, Piracaia, São Paulo, 1932. Coleção Francisco Brandão. Coleção do Centro de Memória/Unicamp



Paula Souza, Arthur N. Pereira Villagelin (ANPV), Associação Comercial e Industrial de Campinas, Banco Comércio Indústria de São Paulo, Benedito Barbosa Pupo, Câmara Municipal de Campinas, Celso Maria de Mello Pupo, Cine Produtora Campineira, Coletoria e Recebedoria de Rendas de Campinas, Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização, Corpo Municipal de Bombeiros de Campinas, Francisco Glicério de Cerqueira Leite e João Falchi Trinca, entre outras. Dentro destas coleções, documentos originais de todos os tipos, entre certidões, livros, registros de escravos e muitos outros, contam com riqueza de detalhes a história. Acervos importantes como o registro civil do Estado, que inclui Campinas, Grande São Paulo e Vale do Paraíba, também estão microfilmados e à disposição do público. Outros arquivos usados para recuperação da memória da população são os registros de matrículas de imigrantes da região, cada vez mais procurados.

Técnica apurada - Estes documentos, porém, brilham após muito esforço e graças a uma técnica apurada. O centro tem áreas de restauro de fotografias, documentos e livros, que acolhem peças muitas vezes semidestruídas e lhes devolvem a integridade possível. Estes laboratórios, montados e atualizados com verba da Fapesp, contam com equipamentos especializados e caros, como é o caso do microscópio binocular com monitor de vídeo, que ajuda a limpar de forma precisa docu-

mentos danificados por fungos e bactérias. O mesmo acontece com o laboratório de restauro de fotos, que realiza verdadeiras cirurgias para higienizar a emulsão e recuperar a aparência original. O Centro forma mão-de-obra, interna e externa à Unicamp, em todas estas técnicas. Outra área em que atua também no ensino é a arquivologia, dentro da qual mantém um curso em conjunto com a USP e a Faculdade de Educação.

A história oral é outra grande preocupação do CMU e, neste sentido, ele põe em prática o seu empenho na produção de memória. Afinal de contas, já conta com cerca de 280 depoimentos de pessoas expressivas da região. Aqui, novamente o CMU destaca-se na excelência da técnica: sua metodologia no roteiro, coleta e transcrição da história oral é repassada em cursos e treinamentos para o público externo e interno.

Pesquisa e publicações - As áreas de pesquisas e a de publicações são fortíssimas dentro do Centro. Por meio delas, os pesquisadores e escritores se alimentam e devolvem ao CMU um trabalho de qualidade, numa saudável e produtiva relação de troca. Atualmente, eles se debruçam sobre temas como os bairros negros de Campinas, criminalidade e modernização, estrada de ferro



Equipe do Centro: estimulando a produção de conhecimento

em Itatiba e a presença alemã na cidade, entre outros. Estes projetos têm gerado também um trabalho de consultoria arquivística, como acontece com a prefeitura da cidade de Jarinu, que pediu ao Centro para ajudá-la na recuperação de sua memória histórica por meio de um programa de capacitação de professores do ensino fundamental, que, com alunos, suas famílias e o grupo local de terceira idade estão intensamente envolvidos no projeto.

As publicações formam um capítulo à parte. O responsável pela área e ex-diretor do CMU, José Roberto Amaral Lapa, diz que o papel do Centro, que já publicou 42 títulos em cinco diferentes coleções, hoje editadas em parceria com a Editora da Unicamp, destaca-se na área de ciências humanas. “Nós nos notabilizamos por produzir obras de extrema qualidade em prazo de seis meses a partir da entrega dos originais”, conta, lembrando que os títulos são avaliados por pelo menos três pareceristas e um conselho editorial.

PESQUISA
 PESQUISA

O vasto saber da Cultura de Almanaque

Livro ilumina e explora função civilizatória das publicações gratuitas que unem prazer e ciência

Muita gente deve lembrar de um almanaque de farmácia na infância, feito de páginas lidas com prazer e sem compromisso. Ao mesmo tempo, estes almanaques vinham com o lastro das informações sérias, já que eram respaldadas por remédios e farmacêuticos. Essa dualidade, do prazer trivial ao lado do cunho científico, da informação útil próxima à curiosidade, não povoa apenas os nossos almanaques da infância, segundo Margareth Brandini Park, pesquisadora do Centro de Memória Unicamp e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Práticas Educativas da Unifran-SP. Em seu livro *Histórias e leituras de Almanaque do Brasil*, (Fapesp, ALB/Mercado das Letras, 1999), baseado na sua tese de doutorado orientada pela professora Sarita Maria Affonso Moysés, Margarete viria centenas de deliciosas Margarete para mapear a importância dessas publicações e descobrir que essa ambigüidade ajudou a ordenar a vida de várias gerações.

Margarete se debruçou sobre títulos como o Almanaque Granado (RJ), o Almanaque Biotônico Fontoura (SP) e o Renascim Sadol (SC). Mas seu pulo do gato foi entrevistar leitores e ler suas cartas, mergulhando mais profundamente do que apenas descrever aquelas bem-sucedidas receitas editoriais — aliás presentes em muitas das revistas que hoje estão em nossas bancas. O

historiador cultural Roger Chartier, cuja produção situa-se na linha da história da leitura e do livro, assina o prefácio. Segundo ele, a análise da leitura e da escritura das cartas feita no livro de Margarete busca compreender as ligações entre elas, inscrevendo o trabalho em uma das mais novas orientações de pesquisa dos últimos anos. "Entrecruzando as cartas endereçadas por 246 leitores e leitoras aos redatores do Almanaque Renascim Sadol, do Laboratório Catarinense, com uma série de entrevistas com alguns dentre estes leitores, ela constrói uma tipologia das maneiras de ler o almanaque e mostra que a relação com estes livros é, freqüentemente, tão forte quanto aquela estabelecida com o texto sagrado", escreve Chartier. E as relações com os leitores são fortes vínculos no mundo dos almanaques. "Eles não só incorporam os pedidos dos leitores como publicam suas colaborações", explica Margarete.

Estes leitores, por sua vez, buscavam no almanaque um pouco de tudo, como conta o livro Vicente de Campos, agricultor filho de escravos nascido em Agudos, em 1916. Ele diz que, na sua infância no orfanato, os almanaques ficavam ao lado da Bíblia. Na fazenda, a cozinha exibia necessariamente um exemplar. Segundo Margarete, o almanaque estava em todo lugar e passava pelas mãos de todos, por ter um papel extremamente versátil. "Trazia, entre outras coisas, a época de plantar, as histórias que seriam lidas coletivamente, as receitas, as dicas de saúde. Tinha até uma cordinha, pois ficava pendurado em lugar de acesso fácil para quem quisesse consultar".

Na aparente trivialidade do Almanaque, Margarete detectou um processo civilizador, que inclusive ajudou no processo de integração dos imigrantes, ao ganhar, por exemplo, traduções para o japonês e alemão. "O almanaque não só trazia um lote de



Exemplar da década de 70: trivialidade apenas aparente

conhecimentos importante como ajudava a ordenar o tempo, por chegar sempre na mesma época e mapear anualmente as vidas e as tarefas das pessoas". Então, o velho almanaque não faz juz à expressão "cultura de

almanaque" para designar algo depreciativo, mas desempenha justamente o oposto: um baluarte da expressão escrita e visual que aproxima a cultura legítima-erudita da desqualificada popular. (M.B.)

Poderosos livrinhos

Paulo Miceli

Faz quinhentos anos, pouco mais ou menos, que nasceu François Rabelais, um dos mais importantes artistas do humanismo europeu. Um dos pés de Rabelais apoiava-se em imensa erudição; o outro enraizava-se na língua e na cultura do povo francês, produzindo-se, assim, rara síntese entre o erudito e o popular, que é onde se encaixam seus almanaques e prognósticos. Rabelais, escritor, é de onde se encaixam seus almanaques e prognósticos.

Quem desconhece a história desse gênero tão peculiar de publicação pode espantar-se duplamente, seja por sua antigüidade, seja pelo envolvimento de grandes escritores com essa produção cultural de tão larga penetração popular. No Brasil, para citar um nome apenas, recorde-se Monteiro Lobato, "almanaqueiro" prolífico, criador do Jeca Tatu, um dos tipos mais populares a povoar a imaginação dos leitores de um almanaque editado sob chancela da indústria farmacêutica. Na imagem do caipira, levado às telas do cinema por Mazaropi, quanta publicidade e quanta propaganda ideológica não fez a cabeça de pais e filhos para testar o milagre de poderoso tônico capaz de aprimorar a "raça" e engordar a esquelética figura do pobre homem do

campo? Como seria de se esperar, a importância dos almanaques acabaria atraindo a atenção dos historiadores, principalmente daqueles mais próximos da história da edição e da leitura; em suma, da chamada história cultural.

Pois bem, foi para discutir a história do almanaque nesses quinhentos anos que, em outubro passado, reuniram-se na Universidade de Versailles, em Saint-Quentin-en-Yvelines, dezenas de pesquisadores de vários continentes e países para discutir seriamente (mas não simultaneamente, como convém ao gênero) os múltiplos aspectos que envolvem a saborosa publicação.

No nosso campo, com a expansão da Fapesp e Faep-Unicamp, realizou-se na Unicamp — com um apoio para o Memorial da América Latina — a edição brasileira do colóquio. Mais modesta, por conta das vacas magras, aqui estiveram alguns dos mais importantes pesquisadores nacionais e estrangeiros. Seria melhor se pudéssemos dizer que o afluxo de interessados foi enorme... Não foi. Poucos estudantes e professores, quem sabe por se achar que em tempos de crise conversar sobre almanaques pode distrair, perigosamente, o espírito de matérias mais importantes. Pena, porque o poderoso livrinho, um dos veículos de grande importância, por exemplo, na França de 1789, talvez ajudasse a empurrar para longe o clima de tempestade que algum lunário perpétuo fez estacionar sobre as terras do Jeca Tatu? No seu *Almanaque*, Chico Buarque quer saber o signo do capeta e pergunta "quem tava no volante

do planeta que o meu continente capotou?" Você sabe? A ciência produz conhecimento sobre o modo de dormir das ostras, mas não é muito convincente quando tenta responder às charadas que o presente nos arma.

Chico Buarque vai continuar sem resposta, mas no espaço em branco que "sobra", em espírito de almanaque, é possível colar a voz — sem dono — de Rabelais, para iluminar estes nossos tempos sempre difíceis. "Este ano os cegos hão-de ver muito pouco e muito pouco hão-de ouvir os surdos, os mudos não dirão quase nada, os ricos andarão um pouco melhor que os pobres e os saudáveis melhor que os enfermos. Muitos carneiros, bois, porcos, aves, frangos e patos vão morrer. Mas a mortandade será menos cruel, entre os macacos e os dromedários. A velhice será este ano incurável por via dos anos passados. Os que tiverem cólicas muitos correrão para os assentos. (...) E por quase todo o lado vai imperar uma doença terrível e temível, maligna, assustadora e desagradável que afligirá muita gente. (...) Averróis chama-lhe falta de dinheiro".

Verte folium, isto é: vire a página!

Paulo Miceli — é professor do Departamento de História e Diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)

LANÇAMENTOS



1968: O DIÁLOGO É A VIOLÊNCIA
 Movimento estudantil e ditadura militar no Brasil
 Maria Ribeiro do Valle

14 x 21 cm
 269 páginas
 R\$ 13,50

O ano de 1968 foi marcado por profundas mudanças no mundo e no Brasil. Nos capítulos do livro, Maria Ribeiro do Valle mostra os principais acontecimentos que levaram os estudantes e a sociedade a irem para as ruas contra a ditadura e como foi a repercussão disto na imprensa da época.



EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E CULTURA
 Para uma pedagogia da educação infantil
 Ana Lúcia Goulart de Faria

Co-edição com Ed. Cortez
 14 x 21 cm
 240 páginas
 R\$ 24,00

De 1935 a 1938, Mário de Andrade trabalhou no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, onde idealizou o projeto dos Parques Infantis para crianças de três a seis anos, filhas de operários. A autora mostra neste livro a utopia daquele modernista que, atuando ao lado da burguesia, procurou dar àquelas crianças uma educação nos moldes cultos e estéticos do modernismo, visando a construção de um país com identidade própria.



EDITORA DA UNICAMP



PÁGINAS DE PRAZER
 A sexualidade através da leitura no início do século
 Cláudio DeNipoti

14 x 21 cm
 156 páginas
 R\$ 8,90

Contando a história de um bibliotecário celibatário que trabalhava na Biblioteca Pública do Paraná, no período de 1911 a 1918, Cláudio DeNipoti mostra qual era o tipo de literatura preferida dos homens daquela época, seus dilemas existenciais e amorosos, receios e desejos em face da sexualidade, das mulheres, das doenças, dos encontros e desencontros do casamento e da vida cotidiana em geral da *belle époque* curitibana.



A ESCOLA NORMAL DA PRAÇA
 O lado noturno das luzes
 Carlos Monarcha

14 x 21 cm
 380 páginas
 Ilustrado
 R\$ 21,00

Escola Normal de São Paulo, Escola Normal da Praça da República, Escola Normal da Capital, Escola Normal Secundária, Escola Normal Primária, Instituto Pedagógico, Instituto de Educação e Escola "Caetano de Campos". Entre fundações e cerramentos de portas, o autor faz uma reconstituição histórica original da escola que ocupou, segundo ele, certa centralidade no imaginário das classes sociais paulistas, entre meados do século 19 e início do século 20.



MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO
 Campinas (1850-1960)

Ana Maria Melo Negrão, José Galdino Pereira, Marcus Levy Albino Bencostta, Maria Iza Gerth da Cunha, Rosa Fátima de Souza, Rosa Lydia Teixeira Corrêa, Terezinha Aparecida Quatotti Ribeiro do Nascimento, Zélia de Brito Fabri Demartini

Co-edição com CMU
 14 x 21 cm
 328 páginas
 R\$ 16,00

Escolas públicas, católicas, protestantes e étnicas de Campinas serviram aos autores para contar, neste livro, os vários perfis educativo-pedagógicos destas instituições no final do século XIX e início do século XX. Neste livro, o leitor irá encontrar um pouco da história de Campinas e destas instituições educacionais, seus princípios e objetivos, bem como sua inserção no imaginário da população campineira.



NA LUTA POR DIREITOS
 Estudos recentes em história social do trabalho
 Alexandre Fortes, Antonio Luigi Negro, Fernando Teixeira da Silva, Hélio da Costa e Paulo Fontes

14 x 21 cm
 210 páginas
 R\$ 14,00

Escrito por cinco historiadores da Universidade Estadual de Campinas, o livro conta a história dos metalúrgicos, dos operários da indústria automobilística e da Nitro Química, assim como a dos trabalhadores do Porto de Santos e da Grande São Paulo dos anos 50 e 60. O que foi considerado assunto morto em muitos estudos acadêmicos e por sociólogos e políticos volta a merecer observação historiográfica de jovens intelectuais.



ENTRE A MÃO E OS ANÉIS
 A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil
 Joseli Maria Nunes Mendonça

Co-edição com Cecult/Unicamp
 14 x 21 cm
 418 páginas
 R\$ 21,00

Em 28 de setembro de 1885 foi decretada a Lei dos Sexagenários, que resultou de um longo e conturbado processo de discussão na Câmara dos Deputados da Assembleia Geral do Império. A autora, neste livro, busca mostrar todas as relações e posições dos deputados neste debate às experiências da escravidão, às relações e conflitos entre senhores, escravos e libertos.



COMO SE ENSINA A SER MENINA
 O sexismo na escola
 Monserrat Moreno

Co-edição com Ed. Moderna
 14 x 21 cm
 80 páginas
 R\$ 12,00

A sociedade atual está baseada, segundo a autora, no androcentrismo – o masculino como centro dos acontecimentos – que está presente na linguagem, nos conteúdos das diferentes disciplinas do currículo escolar e na forma de apresentação desses conteúdos nos livros didáticos. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola* é um livro de questionamentos, em que a autora revela a visão sexista – discriminação entre os sexos – na escola.



ANÁLISE DE MODELOS DE REGRESSÃO LINEAR COM APLICAÇÕES
 Reinaldo Charmet, Clarice Azevedo De Luna Freire, Eugênia M. Reginato Charmet e Heloísa Bonvino

14 x 21 cm
 356 páginas
 R\$ 26,40

Este livro tem por objetivo apresentar a parte da estatística que trata de modelos de regressão, podendo ser utilizado como texto básico para disciplinas de regressão, tanto para alunos de graduação em estatística como para alunos de diferentes áreas para as quais usualmente são oferecidas. Cada capítulo traz no final um grupo de exercícios que serve de estímulo ao aluno para a aplicação e fixação de todo o material exposto.



CONTO DE ESCOLA
 A vergonha como um regulador moral
 Ulisses F. Araújo

Co-edição com Ed. Moderna
 16 x 23 cm
 160 páginas
 R\$ 14,00

Machado de Assis escreveu inúmeros romances e contos que se caracterizam pela preocupação em analisar o ser humano. *Conto de escola*, escrito no século XIX, serviu como base para o autor expor os sentimentos, especialmente a vergonha, a que as crianças estão expostas na escola e que podem motivar a evasão escolar.



EM DEMANDA DA POÉTICA POPULAR
 Ariano Suassuna e o Movimento Armorial
 Idelete Muzarte Fonseca dos Santos

18 x 18,5 cm
 420 páginas
 R\$ 23,00

A autora resgata a imagem popular na literatura brasileira, por meio do estudo do Movimento Armorial, criado por Ariano Suassuna, nos anos 70, o qual reúne todas as manifestações artísticas populares desde a literatura de cordel até o seu *Romance da pedra do reino*, passando pelo *Auto da Compadecida*.



DISSERTAÇÕES DO VESTIBULAR UNICAMP/99
 Comvest

Co-edição com Comvest
 10 x 14 cm
 166 páginas
 R\$ 3,00

500 anos de Brasil. Este foi um dos três temas da prova de redação da Unicamp de 1999. A Comvest – Comissão do Vestibular – reuniu neste livro as vinte melhores redações de seu último vestibular. O livro traz também dicas sobre a prova de redação da Unicamp, um capítulo com perguntas e respostas sobre as dúvidas mais comuns dos vestibulandos e informações sobre como as redações são avaliadas e corrigidas.



ARQUITETURA E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO
 Da Revolução Industrial à Revolução Digital
 Fábio Duarte

Co-edição com Annablume
 10,5 x 18 cm
 198 páginas
 R\$ 17,00

Fruto da dissertação de mestrado em Múltiplos Meios pela Unicamp, este livro aborda basicamente três pontos: Tecnologias Industriais, Teletecnologias e Tecnologias Digitais. O trabalho é inovador pela atualidade do problema, pelo enfoque histórico desenvolvido, pelo minucioso levantamento bibliográfico e, sobretudo, pelo cuidadoso levantamento dos trabalhos arquitetônicos diretamente relacionados com a influência das tecnologias digitais sobre os projetos.



A CHINA NO BRASIL
 Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras
 José Roberto Teixeira Leite

21 x 28 cm
 310 páginas
 R\$ 41,60
 Ilustrado

Este livro é o mais abrangente estudo sobre as influências da China no Brasil desde o descobrimento até os dias atuais. Por meio de um texto envolvente e um valioso material iconográfico, o autor revela que nos cerca de 300 anos que vão do início da colonização até a independência, além de ter absorvido algo de lusitano, semita, africano e indiano, o Brasil rendeu-se também à seda chinesa e multicolorida, às brigas de galo e aos papagaios de papel.

À venda nas melhores livrarias do País ou pelos telefones 0xx19 788.1097 e 0xx19 788.1094
 Internet: www.editora.unicamp.br
 Editora da Unicamp - Rua Caio Graco Prado, 50, Caixa Postal 6074, Campus Unicamp,
 CEP 13083-970, Campinas-SP

PRÊMIO
PRÊMIO

Ouçã esta

Criado para dar apoio a crianças e adolescentes surdos que freqüentam a rede comum de ensino, programa do Cepre é premiado pelo Canal Futura, Fiesp e Fundação Roberto Marinho

LUIZ SUGIMOTO

Sonolento em frente à tevê, você já está desatento ao *Jornal Nacional* quando a apresentadora Fátima Bernardes alerta: "E atenção para uma notícia de última hora!" Você se apruma na poltrona e ouve: "Morreu agora há pouco o ganhador do Prêmio Nobel... (some a voz) ... de 64 anos, que se notabilizou por ter descoberto a cura para o mal de ... (os lábios dela se mexem mas nada se escuta) ... A doença atinge cerca de 2% da população adulta e pelo menos ... (ruídos e chuviscos) mil pessoas já se beneficiaram com o tratamento ... Internado com ... há um mês, ele confidenciou à esposa, momentos antes de morrer, que suas pesquisas ... A revelação deixou a comunidade científica atônita. Boa noite e até amanhã!"

Se esta notícia truncada o deixaria irritado, coloque-se no lugar de uma pessoa surda, obrigada a se conformar com lapsos constantes no recebimento de informações, por mais atenta e ágil que seja na leitura labial. Segundo a lingüista Ivani Rodrigues Silva, crianças e adolescentes inseridos na rede comum de ensino assimilam apenas de 30% a 40% do que é dito pelo professor em sala de aula. Captam somente pedaços de lições, o que já torna heróico o esforço de aprendizado que eles fazem.

A este problema na comunicação somam-se (e dela decorrem) os de leitura, escrita e raciocínio lógico-matemático, tudo isso comprometendo o relacionamento com as outras pessoas. São barreiras que alimentam a controvérsia entre os educadores quanto à inclusão de alunos portadores de deficiência nas escolas regulares, mesmo havendo uma disposição cada vez maior dos professores em recebê-los e em atuar para que o desempenho dessas crianças não seja comprometido.

Ivani, docente em educação especial e reabilitação, é responsável pelo Programa de Apoio à Escolaridade para Surdos, criado há dez anos pelo Centro de Estu-

dos e Pesquisas em Reabilitação "Professor Gabriel Porto" (Cepre), da Faculdade de Ciências Médicas (FCM). O programa acaba de receber o Prêmio Telecurso 2000, concedido conjuntamente por várias entidades, entre elas o Canal Futura de TV a Cabo, Fiesp, Fundação Roberto Marinho e Fundação de Amparo ao Trabalhador.

O Cepre foi um dos 13 agraciados dentre 125 instituições brasileiras que apresentaram trabalhos educacionais na área de surdez. Além do reconhecimento, o prêmio consiste, concretamente, em um kit com 52 fitas de vídeo contendo aulas de telecurso do ensino fundamental. Esses filmes trazem um recurso riquíssimo ao surdo: são as primeiras edições legendadas.

"A legenda permite não só que o surdo tenha uma melhor compreensão da aula, mas também que vivencie questões como a da erosão, mais difíceis de serem imaginadas. É muito interessante verificar como o conceito da sublima-



Ivani, do Apoio à Escolaridade, e Maria de Fátima, coordenadora do Cepre: aulas legendadas

ção (e outros conceitos do currículo de Ciências) é tratado visualmente por meio do vídeo", afirma Ivani Rodrigues.

Raiz do problema – O Programa de Apoio à Escolaridade foi estruturado a partir da constatação do baixo rendimento na leitura e escrita apresentado pelos surdos, mesmo entre aqueles que freqüentavam escolas especiais por longo tempo. Ivani lembra que a maioria dos alunos que procuravam o Cepre haviam cumprido apenas até a 4ª série do ensino fundamental e tinham em média 18 anos.

"Eles apresentavam dificuldades inclusive em pequenos textos e, muitas vezes, não conseguiam sequer adquirir o processo mecânico da escrita; quanto mais entender a função social dessa escrita ou fazer uso dela para servir às suas necessidades", explica a lingüista.

O grande problema, portanto, é em

relação à aquisição e desenvolvimento da linguagem. Por isso, não é prioridade do Cepre ajudar o aluno surdo apenas a melhorar o rendimento em determinada disciplina (português, matemática, ciências etc.) e sim suprir a falta de estruturas lingüísticas e de habilidades comunicativas, já que ele, desde que nasceu, não teve oportunidade de usar uma língua de maneira efetiva. Ao mesmo tempo em que se tenta aprimorar a leitura e a escrita, trabalha-se a 'Libras' (Linguagem Brasileira de Sinais), o desenvolvimento oral do estudante surdo e a leitura labial.

"Eles são muito exigidos em relação à leitura labial durante uma aula na escola comum", lembra a coordenadora do programa. Parece uma observação óbvia, mas professores e familiares precisam ser freqüentemente alertados a falar sempre de frente com o deficiente auditivo. Não por acaso, o programa inclui reuniões mensais com professores e pais, onde estes apresentam as dificuldades detectadas nas atividades do estudante e, por que não, aprendem a linguagem de sinais. Profissionais do Cepre também visitam as escolas para acompanhar o relacionamento dos surdos com os colegas ou vintes da classe.

Equipe multidisciplinar – No Programa de Apoio à Escolaridade estão uma lingüista, uma fonoaudióloga, uma assistente social, uma psicóloga, três pedagogas, uma nutricionista, uma enfermeira e o pessoal operacional. São atendidos por mês 25 estudantes, em até três sessões por semana, fora do período de aulas nas escolas.

Ivani Rodrigues desconhece se todos os deficientes auditivos da cidade são beneficiados pela educação, em unidades normais ou especiais. Contudo, estima que a surdez, em seus vários níveis, atinge 1% da população.

Pais de crianças surdas têm curso por correspondência

Muitos pais não têm acesso aos programas oferecidos pelo Cepre porque moram em outras cidades. A partir desta constatação, criou-se um curso por correspondência para pais de crianças surdas, que já contemplou mais de mil famílias, inclusive de estados distantes como Tocantins e Amazonas. Em 12 lições, procura-se oferecer informações sobre a surdez, diminuir a ansiedade dos pais em relação à educação da criança e amenizar a falta de profissionais especializados, notadamente na zona rural.

O Cepre presta atendimento a deficientes auditivos e visuais há mais de 20 anos, com uma equipe multidisciplinar formada por 25 profissionais, entre pedagogos, lingüistas, assistentes sociais, psicólogos, arte-educadores, fonoaudiólogos, médicos e pessoal de apoio. São atendidas no momento cerca de 150 pessoas.

A coordenadora Maria de Fátima Françoço explica que o Cepre está em condições de trabalhar com crianças a partir de zero ano e assiste também a adolescentes e jovens adul-

tos. Também são oferecidos cursos de extensão e em nível de pós-graduação para especialização em deficiência visual e surdez, educação e reabilitação de surdos e de aprimoramento profissional na área de saúde. Paralelamente, os profissionais executam inúmeros projetos para avaliação e prevenção de deficiências, análise do processo de desenvolvimento dos deficientes e de investigação de suas relações com a família e a comunidade.

O serviço prestado ao deficiente visual, os cursos de especialização e as pesquisas merecerão matéria à parte no futuro.

TELEFONES DO CEPRE

Atendimento: (19) 788-8801
Cursos de especialização: (19) 788-8814
Curso por correspondência: 788-8812
Endereço: Av. Adolfo Lutz, s/n, Cidade Universitária, CEP 13084-880, Campinas.
E-mail: cepre@fcm.unicamp.br

Livraria e Papelaria
Angepel
Livros Didáticos Material Escolar e Escritório
Impressos Fiscais Xerox e Encadernação

Rua Horácio Leonardi, 12 - B. Geraldo
Campinas
LIVRARIA E PAPELARIA TOLEDO
na Faculdade de Educação Unicamp
Fone: 788-5560

(019) 289-6303
289-6304

sebo brecho
Valise
Jde
móveis decoração

LIVROS - CDs
GIBIS E REVISTAS

ROUPAS SEMI-NOVAS
E ACESSÓRIOS

MÓVEIS E TAPETES
ARTESANAIS

Avenida Santa Isabel 246
Barão Geraldo Fone (019) 289-0028

valise@hotmail.com

TRADUÇÃO
IBADNCE

Português/inglês e revisão de inglês.
Qualidade e rapidez em diversas áreas
(Direito, Psicanálise, Biologia, outras).

Para maiores informações:
www.lexxa.com.br/users/orion

Prof. Terrence E. Hill
e-mail: orion@lexxa.com.br
Tel. (0xx19) 258-3189
Cel.: (0xx19) 963-0787

A vivência do folclore

Universidade viabiliza realização do Congado dos Arturos

ADRIANA MÉOLA

Há muitas formas de se ver o folclore: pela estética, pela celebração de cultos, pela ótica da música ou da dança. A Universidade Estadual de Campinas escolheu vivenciá-lo, trazê-lo à experiência sensorial, muito além do repertório documental que possa constituir uma tese, uma série de palestras ou exposição. No 6º Encontro com o Folclore/Cultura Popular, que aconteceu no Centro de Convivência no sábado 2 de outubro, Campinas assistiu ao Congado dos Arturos, Olhos do Rosário, grupo familiar de Contagem (MG) que há um século mantém a tradição da Festa do Rosário de Nossa Senhora. Esta comunidade negra se chama Arturos porque descende de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva, os iniciadores da homenagem aos santos negros no município mineiro. Filhos, netos e bisnetos deram prosseguimento ao culto e se tornaram um dos mais importantes grupos étnicos brasileiros de preservação de sua cultura.

Diferentemente de outros anos em que a Unicamp recebeu os Arturos, desta vez a celebração se completou conforme dita o sagrado. Após a abertura oficial, na qual foi prestada uma homenagem ao Congado dos Arturos, como reconhecimento pela contrinuição deste grupo étnico ao patrimônio cultural nacional, tiveram início os rituais sagrados. O reino coroado se posiciona em frente ao altar. Uma guarda de Congo vem adiante, abrindo os caminhos com galhos e flores e anunciando a chegada dos filhos do Rosário. O ritmo e a dança são saltitantes, marcados pela ginga e pelo cruzamento de pernas e pés. Os moçambiqueiros, chamados "donos da coroa", vêm em seguida, num movimento mais lento, carregando um bastão, símbolo do poder e da proteção ao reino coroado. Usam azul e branco, cores de Nossa Senhora, e cantam a memória da África e dos antepassados.

Izirra Maria da Silva, a Tita, filha do primeiro Arthur, junto ao pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, Roberto Teixeira Mendes, foram coroados reis festeiros, figuras participantes do rito por proporcionar sua realização, e se comprometeram a passar a coroa no mesmo ritual dos Arturos daqui a um ano. Pela primeira vez, foi rezada uma missa conga na Igreja de São Benedito, que fica na Praça Anita Garibaldi, para onde o grupo seguiu em cortejo. A Missa Conga, celebrada pelo Padre Nilson Pinto, une aspectos da liturgia católica com a religiosidade popular, com o som do tambor e a entoação dos cantos das guardas de Congo e Moçambique.

Ao final da celebração foram erguidos mastros em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Nos-



Rafaela Azeredo



Evandro Luís da Silva

Acima, o mastro votivo é erguido em frente à igreja, e, ao lado, os novos guardiães da tradição dos arturos

Pró-reitor Roberto Teixeira Mendes entrega placa a Geraldo Arthur Camilo, Rei Congo do Estado de Minas Gerais.



sa Senhora Aparecida e ao divino Espírito Santo. Os mastros votivos representam a união entre céu e terra e caracterizam o centro energético das comemorações coletivas.

"A Universidade deve preservar a memória popular não só visual ou escrita, mas também espiritual. É papel dela avivar elementos constitutivos de aspectos da sociedade. O ritual dos Arturos não foi como um trio elétrico importado da Bahia, mas uma cerimônia real, na data certa. Sempre se vê o folclore de fora. Desta vez, viu-se de dentro. A espiritualidade era flagrante, e eu me senti envolvido pelo sagrado", diz o pró-reitor Roberto Teixeira Mendes.

O coordenador e idealizador do Encontro com o Folclore, José Avelino Bezerra, capitão da coroa dos Arturos, diz que a função de um evento como esse é histórica e social. "A festa cumpriu o mesmo ritual do lugar de origem e por isso encantou os pesquisadores, professores e público presente, que sentiram a autenticidade da prática cultural", diz. "Folclore é uma palavra estigmatizada porque não é compreendida. A tradução correta é 'saber do povo'. Resgatamos com o rito dos Arturos a religiosidade popular, sem institucionalizar a festa, porque a mesma celebração que ocorreu aqui ocorre lá", diz.

Avelino também foi responsável pela presença no encontro do Tunchengun Lhama Omar Khayam, monge, médico e mago, arcebispo da Igreja Gnóstico-Taoísta. O mestre Omar Khayam assistiu à cerimônia dos Arturos acompanhado por discípulos e discursou em favor da preservação da cultura do povo negro.

O pró-reitor Roberto Teixeira Mendes lembra que ainda em novembro a Unicamp promoveu a Semana da Consciência Negra, proposta pela comunidade negra da Universidade. O professor Teixeira diz que no ano que vem o 7º Encontro com o Folclore/Cultura Popular tende a ser ampliado com mais atividades. Satisfeito com a repercussão junto à comunidade da festa folclórica sagrada dos Arturos, Olhos do Rosário, ele acredita que a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários cumpriu seu propósito, que é facilitar as relações da sociedade com a universidade, por meio de atividades culturais e prestação de serviços. "Campinas não tinha mais procissão há muito tempo, e as pessoas saíram à rua ao ver passar o cortejo dos Arturos. Foi uma celebração sagrada que precisa ter continuidade", diz. O evento teve apoio da Coordenadoria de Relações Institucionais e Internacionais (Cori).

Maiores informações em
<http://www.unicamp.br/folclore>